

ABUSO SEXUAL POR PARTE DO CLERO: EFEITOS DE SENTIDO NA HOMILIA DO PAPA FRANCISCO

SEXUAL ABUSE BY CLERGY: EFFECTS OF THE SENSES IN HOMILY FROM POPE FRANCIS

Heitor Messias Reimão de **MELO**¹

Resumo: Este trabalho parte de uma pesquisa analítica e está pautado em uma abordagem qualitativa, visando a investigar sequências discursivas sobre o abuso sexual, sob a luz da Análise do Discurso. Este trabalho tem como objetivo analisar uma homilia do Papa Francisco, em uma missa realizada com algumas vítimas de abusos sexuais por parte do clero. No que diz respeito ao abuso sexual, não há uma tolerância por parte da sociedade, e supostamente não haverá. Pensar no abuso sexual já é muito ofensivo, ainda mais quando esse ato é sobre menores e, ainda, causado por um clerical. Quanto mais esse assunto é exposto, seja por meio da mídia ou ainda pela própria Igreja, surgem discursos da (i)moralidade, do pecado e da descrença dos fiéis com a Igreja. Pretende-se, como resultado da análise proposta, buscar perceber quais sentidos estão presentes na materialidade selecionada, de que forma outros discursos ecoam na voz do Papa Francisco e como a memória discursiva está cristalizada nas sequências discursivas. Este artigo utilizará como fundamentação teórica, principalmente, obras de Pecheutianas.

Palavras-chave: Abuso sexual. Papa Francisco. Análise do discurso.

Abstract: This paper presents an analytical research and is guided by a qualitative approach in order to investigate the discursive sequency about sexual abuse in the light of Discourse Analysis. This paper aims to analyse a homily from Pope Francis, in a mass held with some victims of sexual abuse by clergy. Regarding the sexual abuse, there is no tolerance by society, and supposedly there will not be. Thinking about sexual abuse already is very offensive, even more when this act is about minors and also caused by a clerical. The more this subject matter is exposed, either by means of media or even by the own Church, arise the discourses on (i)morality, on sin and the disbelief of the believers with the Church. It is intended, as result of the proposed analysis, seek the understanding of which meanings are present in the selected materiality, in which form other discourses echoe in the voice of Pope Francis and how discursive memory is crystalized in the discursive sequences. This paper will mainly use as theoretical grounding the works os Pecheutianas.

Keywords: Sexual abuse. Pope Francis. Discourse analysis.

Introdução

A Análise do Discurso busca fugir do campo do cômodo, procura ir fundo nos assuntos sociais, atuais, com a intenção de explorar temas mais polêmicos e mais controversos, para que, desse modo, todo um sentido não transpassado no momento da fala possa ir criando outros caminhos, refletindo nos sentidos cristalizados.

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Letras, área de concentração em Estudos Linguísticos, pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: heitorletras@gmail.com

O discurso religioso tem grande força e poder perante os sujeitos, grande parte desse discurso enfatiza os aspectos do conservadorismo, ainda mais quando no mesmo discurso estão dizeres que fogem aos padrões da religião, nesse caso, a sexualidade e o abuso sexual por parte do clero.

Dessa forma, abordar determinados assuntos na esfera religiosa, como a pedofilia, faz com que se questione e se reflita sobre os porquês dos dizeres, ainda mais quando quem dá vida a esse discurso é seu próprio pastor: O Papa Francisco. Sendo assim a análise se dará a partir de uma homilia feita pelo Papa no dia 07 de julho de 2014², na casa de Santa Marta, estando presentes algumas vítimas de abuso sexual por parte do clero.

Sendo assim, o artigo tem como principal objetivo identificar os efeitos de sentido acerca da abordagem do tema pedofilia, que a Igreja Católica se preserva ao abordar. Para tanto, o trabalho responde a uma pergunta de análise: O discurso religioso, mesmo que “recaído de culpa”, mantém seu discurso de autoridade? Possibilitando, assim, as subseções desse artigo.

Ao iniciar com *Análise do discurso e Discurso Religioso* contextualizo, brevemente, a noção da Análise do Discurso (AD) enquanto uma teoria de entremeio, o Discurso Religioso, sendo o discurso autoritário, as relações imaginárias e o sujeito em/na AD e em/no Discurso Religioso.

A seção *Pecado, quem não tiver que atire a primeira pedra*, se encarrega de trazer o conceito de pecado, sexualidade e nas regras impostas pela igreja, nessa seção, retomo Pêcheux (1997), que calcado na tese de Althusser (1987), traz a noção de posições ideológicas, e desloca o teórico Foucault (2009), enquanto filósofo, sobre a pertinência de sua teoria sobre o que seja um ritual, enquanto um ritual de ações, não discursivo.

Em *Possíveis Efeitos* (como uma análise discursiva está sempre em percurso, por isso o “possíveis”), trará a homilia do Papa enquanto *corpus* discursivo a ser analisado e suas condições de produção imediata. Tendo em vista que para uma análise discursiva, consideram-se as condições em que esse discurso tenha sido proferido, auxiliando para os possíveis efeitos de sentido se (re)signifique.

Por fim, em *Considerações final*, apresentará os resultados coletados, dessa análise em particular, para evidenciar se a Igreja Católica se preserva ao enunciar determinados discursos

² Disponível: < http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2014/documents/papa-francesco_20140707_omelia-vittime-abusi.html >

sos que não integram seus discursos e se esse discurso continua ou não considerado como um discurso autoritário.

Análise do discurso e Discurso Religioso

A Análise do Discurso (AD) da escola francesa é, de fato, um campo de entremeios entre a Linguística, o Materialismo Histórico e a Psicanálise (Orlandi, 1996) e tem como objeto de estudo o Discurso. Para efetuar-se a análise, é preciso ter domínio de determinados conceitos que auxiliarão nesse processo, tais como: discurso; sujeito, ideologia e inter-discurso.

Como afirma Pêcheux (1990), o discurso é muito mais que a transmissão da mensagem de um sujeito ao outro, é um efeito de sentidos existente na fala. No discurso, a fala se torna a concretização do contexto sócio-histórico que constitui o sujeito que fala. Esse contexto sócio-histórico fornece as condições de produção que envolvem o falante, todo o caminho que se trilha até chegar a um dizer, atrelado a memória discursiva. Não se separa o discurso de suas condições de produção, e de sua exterioridade da alma ao falar.

O discurso religioso costuma enfatizar os aspectos moralistas, conservadores, refletindo as imbricações ideológicas e históricas presentes na língua. Ao pensar no discurso religioso cristão, sempre estarão presentes as oposições pecado x santidade, céu x inferno, moral x imoral, certo x errado, criando um espaço simbólico que divide as opiniões, e delimita o que se deve fazer.

Sabe-se que linhas de crenças são tão abrangentes quanto instituições religiosas, dessa forma, este trabalho se propõe a analisar os sentidos no discurso religioso, em especial o do Papa Francisco, Bispo de Roma, Líder da Igreja Católica Apostólica Romana, sem excluir as influências de valores sociais, tais como o discurso jurídico e familiar. O sujeito fiel dá voz a tal discurso, quem fala, fala representando um sujeito superior, que no caso é Deus. Sendo Deus o dono da verdade para quem o segue, Papa Francisco é pequeno, submisso a Deus, porém, mesmo com essa pequenez, ele tem a condição de falar por Ele, por ser o eleito de Roma. Sendo assim, a voz do Papa é a voz de Deus, como afirma Petean (2005):

O poder, reconhecido e, assim constituído, situa-se, na formação discursiva religiosa, no lado do plano espiritual (Deus). Os ouvintes reconhecem o enunciador (Deus) como aquele que os nomeou e para a qual devem se submeter. Dessa forma, fica garantida a contenção da polissemia, portanto, a não-reversibilidade na formação discursiva religiosa.

Da mesma forma que existe um Deus, que é um sujeito superior, Francisco se apresenta como um sujeito submisso, sendo também o sujeito fiel aos dizeres e condições da instituição Igreja. Falar em sujeito fiel remete ao próprio termo “fiel”, nome este dado aos seguidores da Igreja.

Só existe essa multidão de sujeitos possíveis porque existe um Outro Sujeito único absoluto. O autor passa então, a distinguir o Sujeito dos sujeitos vulgares: Deus é o Sujeito e os homens são os seus interlocutores-interpelados, os seus espelhos, os seus reflexos (ORLANDI, 1987, p. 241).

Descontrói-se a bela frase citada pela Igreja: “fomos criados à imagem e semelhança de Deus”, ora, os sujeitos não são a imagem de Deus, são reflexos, são consequências do discurso marcado pela imposição da instituição.

O discurso autoritário une-se ao sujeito superior, dessa forma Orlandi (1987) traz a ideia de que Deus (sujeito Papa) é quem salva e condena, julga e perdoa, fazendo com que esses sujeitos tenham o medo e a restrição, em que o respeito e o temor são internalizados pela religião, que faz um papel duplo, pois o mesmo Deus que salva também, dessa forma, condena, parafraseando Nietzsche (2005, p. 28), em *Humano, demasiado Humano*, o homem criou Deus ao seu reflexo.

Sabe-se que existe o discurso marcado pelo pecado, no qual Deus impõe suas regras (tais como os mandamentos), sendo que quem não as segue, pagará na “vida eterna”. Essa mudança dos planos da benevolência e da misericórdia, ao campo do julgamento e da acusação, traz à tona as palavras de Nietzsche, provando que os sujeitos criam um Deus de acordo com suas próprias atitudes, ou seja, se o sujeito é pecador, logo Deus será quem o condena.

A existência do já-dito, em que Deus é quem comanda o mundo, ocorre também o “discurso autoritário, no qual o ouvinte e o locutor são capturados pela palavra a ponto de a reversibilidade ser estancada (Orlandi apud Petean, 2005)”. Assim, o discurso ocorre de cima para baixo, Deus falando no posto de superioridade, e o sujeito no campo simbólico de “não ser nada”, fiel aos seus comandos. O sujeito no campo do acontecimen-

to simbólico, sendo as relações imaginárias, se cria em uma condição fundamental para que ele seja considerado como tal, pois “se não sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história, ele não se constitui, ele não fala, ele não produz sentidos.” (Orlandi, 2001, p. 49).

Portanto, compreende-se o sujeito pelo discurso que o constitui, considerando de onde ele emerge. Não se pode enxergá-lo como fonte de sentido e origem, sendo, pois, constituído em um espaço de resistências e dependente da enunciação para se revestir de efeitos de sentido.

O sujeito, por fim, constitui-se no e pelo discurso, não é uma entidade substantiva, referencial, é determinado pela história e pela ideologia no processo de formação do discurso. Também não é a origem nem o autor do seu discurso. Ele é constituído na relação da língua com a história, e é assim que ele faz sentido.

Pecado, quem não tiver que atire a primeira pedra

O Pecado sempre foi um termo usado dentro de um contexto religioso, e refere-se a qualquer desobediência à vontade de Deus, em especial, qualquer desconsideração deliberada das leis reveladas. Pecado é, assim, uma das palavras mais marcadas pelo discurso religioso. A Análise do Discurso (AD) busca o sentido das palavras como um todo, sendo que o pecado traz à tona a perversão ao mundo, desde Gênesis em que Adão e Eva desobedecem às ordens de Deus, e comem o fruto proibido.

Na passagem, percebe-se que desde o início da crença católica o pecado foi associado ao paraíso, ao castigo, à culpa, à sexualidade. E a sociedade traz conceitos de que o “proibido é mais gosto”, sendo assim, entende-se que, pecar é bom, desobedecer é prazeroso, entretanto, para a Igreja não é bom desobedecer, e muito menos pecar, por isso a tentativa de calar o sujeito, de reprimir seus desejos, A origem do sexo marca a queda do ser humano em igualdade de Deus, uma vez que Deus não é constituído pelo pecado, em que o mesmo permanece intacto. No entanto, a Igreja aborda o sexo como questão de procriação, mas para que haja procriação é necessário um homem e uma mulher, dispostos a viver o sacramento do matrimônio, e somente após o trocar de alianças, o ato sexual é “liberado”.

Dessa forma, enquanto o corpo dizia ser uma festa, a Igreja dizia ser uma culpa, uma culpa que até seus próprios falantes, seus próprios representantes se envolveram, caindo em tentação.

Nesse contexto, enquanto a Igreja depositava suas preocupações no sexo antes do casamento, o uso de métodos contraceptivos, a homossexualidade, deixava de ver os escândalos que aconteciam dentro da instituição e envolviam o nome da Igreja de Pedro.

O abuso sexual, o que de fato não se é aceito pela sociedade, sempre esteve presente em meio às violações contra o corpo. Se o abuso sexual, nesse caso a pedofilia, nunca teve um consentimento pelo meio social, onde um homem abusaria de uma menina ou uma mulher abusaria de um menino, tão pouco haveria consentimento sendo uma criança, de ambos os sexos, abusada por um padre.

Entende-se que o padre, interpelado pela sua instituição pertencente, sendo que a mesma instituição exige algumas renúncias, como no caso do sacerdote a castidade, não deve fugir dessa regra, ou seja, devem sempre manter em ordem com as condições para ser ordenado, sendo assim, o clero precisa viver em integridade e obediência perante a posição de chefe da Igreja, voz de Deus, pois se acredita que “segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às posições ideológicas...” (Pêcheux, 1997, p 160), sejam exemplos aos fiéis católicos. Afinal, o sujeito Padre tem a função de indicar o caminho “certo”, não o contrário.

Sendo assim, essa análise será feita a partir de uma homília do Papa Francisco. Em uma missa, depois de feitas todas as leituras bíblicas, o ministro ordenado faz a homília, ou sermão, em que nesse momento de reflexão ele fala “as palavras mais bonitas, palavras que acolhem e trazem algum sentimento de paz”, persuadindo o sujeito fiel, que muitas vezes procura o sacramento da reconciliação, do perdão em uma missa, porém, a homília como um momento de reflexão algumas vezes traz o conceito do ser humano como um ser pequeno, a homília tem como objetivo atingir de alguma forma o fiel, sendo a missa um ritual, no qual, pautando no filósofo Foucault³, apropriamo-nos a noção de ritual enquanto ações, sendo que o mesmo ritual deva seguir uma ordem, Foucault diz:

O ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam, bem como define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e to-

³ Retomo aos estudos de Michael Foucault enquanto um filósofo, não enquanto um teórico do Discurso, uma vez que suas noções de Análise do Discurso divergem com a teoria adota para o trabalho.

do o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras (2009, p. 39).

Sobre o conceito de Foucault (2009), percebe-se que existe toda uma preparação perante o discurso, que nesse caso é a figura da homília, todos os gestos, todo conjunto dos signos devem estar em sintonia, ainda mais que esse ritual é programado, sendo assim, a homília também é programa, pensada, estudada, analisada antes mesmo de ser falada, sendo que “a própria fala é ritualizada, é dada de antemão” (Orlandi, 2010, p. 247).

Possíveis Efeitos

No dia 5 de fevereiro de 2014, a ONU⁴ exige que Vaticano denuncie os pedófilos à polícia e ainda comunica dizendo que o Vaticano rompeu com os direitos das crianças, sendo que Bento XVI, São João Paulo II, evitaram tocar no assunto, colocando a instituição à frente de um ser humano. Curiosamente, no dia 07 de junho do mesmo ano, o Papa Francisco se reunia com algumas vítimas de abusos sexuais por parte do clero, na capela da Casa de Santa Marta. Sabe-se que para abordar delicado assunto, essa ação contém significados encobertos, sendo assim, o *corpus* deste trabalho será a homília proferida pelo Papa nessa ocasião, a seguir:

SD1: Papa Francisco: *A imagem de Pedro, cujo olhar, vendo Jesus sair desta sessão de duro interrogatório [no Sinédrio], se cruza com Jesus e chora, vem-me hoje ao coração ao cruzar o vosso olhar, o olhar de tantos homens e mulheres, meninos e meninas; sinto o olhar de Jesus e peço a graça do seu chorar. A graça de a Igreja chorar e fazer reparação pelos seus filhos e filhas que traíram a sua missão, que abusaram de pessoas inocentes com os seus desvarios. E hoje sinto-me agradecido a vós por terdes vindo aqui.*

Na SD1, Papa Francisco inicia a homília fazendo com que os fiéis presentes e as vítimas de abusos que se encontram no ritual se lembrem de todo um contexto bíblico, sendo que Pedro, o primeiro Papa da Igreja Católica, chora ao encontrar Jesus. Nessa SD, o Papa rompe com as formas de ilusão, assim como afirma Orlandi (1987), entende-se que as ilusões ocorrem em duas direções, sendo uma de cima para baixo, onde Deus é o poder, o soberano, o sujeito Deus falando com os fiéis seus ensinamentos, e de baixo para cima, onde o homem precisa alcançar Deus, dessa forma existem as condições da oração, do jejum. Essa ideia se quebra no momento em que Deus ou Igreja vem chorar junto aos seus

⁴ Disponível: < <http://oglobo.globo.com/mundo/onu-exige-que-vaticano-denuncie-os-pedofilos-policia-11506908>> Acesso dia: 18 de junho de 2016.

filhos atingidos pelo abuso, quebra-se a ideia de que Deus é soberano e coloca-se em igualdade, uma vez que quem pede perdão são os pecadores, não Deus. A sua presença em meio a dor, a ruptura dos princípios da castidade, traz a ideia de que Deus e fiéis estão no mesmo campo, não existindo divisão entre o temporal (Plano divino) e o humano (Plano terrestre).

Ao abordar os “seus filhos que traíram sua missão”, Papa mais uma vez mostra que diante de toda preparação, todas as condições impostas, o ser homem não consegue se separar da sexualidade, tão pouco evitar aquilo que o gerou. A negação do seu lado carnal não sobressai o lado espiritual, refletindo em toda repressão sexual existente em um sujeito, ainda mais que a ideia do proibido, do pecado, faz com que o errar seja prazeroso mesmo que essa queda tenha consequência. “A queda, o distanciar-se para sempre de Deus, é o sentimento de um rebaixamento real (Chauí, 1987, p. 86)”, o fato de se separar de Deus traz a concepção de não possuir condições divinas, solidificando as concepções do certo x errado.

***SD2: Papa Francisco:** Há tempos que sinto no coração um profundo pesar, vendo um sofrimento escondido durante tanto tempo, dissimulado numa cumplicidade que não encontra explicação, até que alguém se deu conta de que Jesus olhava e depois outra pessoa notou o mesmo e mais outra se apercebeu disso mesmo... E animaram-se a sustentar este olhar. E aqueles poucos que começaram a chorar, contagiaram a nossa consciência fazendo-a chorar por este crime e pecado grave.*

Papa Francisco, que se tornou Papa após um acontecimento inédito na história da Igreja Católica, a renúncia do Papa Bento XVI, assume o posto do chefe da Igreja no momento em que a mesma sofria diversos questionamentos doutrinários, tais como no caso o abuso sexual. Orlandi (1987) defende que a contradição entre as oposições, falas, é o que caracteriza a religião a uma doutrina utópica, ou seja, a uma doutrina que não existe, que não se é respeitada, ora, se o Padre prega castidade, logo o mesmo deveria ser adepto de tal.

Na SD2, Francisco fala que há tempos sentia o coração em sofrimento perante essa situação, no decorrer do seu discurso diz que um sujeito se deu conta de que Jesus chorava, entrando nesse campo o simbólico, imaginando que Jesus sofreria por causa dos abusos em nome dele, já que ser Padre é ser a presença de Deus em sua comunidade, e persistiu na fala de que muitos viram, em que esses muitos não deixaram de manter a atenção fixa nos acontecimentos que contrariavam os dizeres da instituição. Papa diz em metáforas o que ocorreu em fevereiro de 2014, após a ONU (Organização das Nações Unidas) exigir que a Igreja de Pedro resolvesse os casos, e entregasse os causadores dos atos à justiça, dessa

forma a Igreja iria perder o controle dos seus julgamentos, entregando ao jurídico as ocorrências não solucionadas pela Igreja Católica.

Finalizando essa fala, ele diz: “contagiaram a nossa consciência fazendo-a chorar por este crime e pecado grave”, o Papa se refere na primeira pessoa do plural, subentendendo que ela fala pela Igreja, pela instituição, pelo Vaticano, afinal, a sede do Papa situa-se nos limites do Vaticano, País Papal. Entretanto, se antes ele já sentia o coração em profundo pesar, ele desconcerta a imagem que ele passa de si mesmo de sensibilizado sobre a causa, ao dizer que foram “as pessoas” que os contagiaram, dessa forma ele entra em contradição, sendo que:

Gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. (FOUCAULT, 2009, p. 54-55)

***SD3: Papa Francisco:** Sinto no meu coração angústia e pesar pelo facto de alguns padres e bispos terem violado a inocência de menores – e a sua própria vocação sacerdotal –, abusando deles sexualmente. Trata-se de algo mais que actos ignóbeis; é uma espécie de culto sacrilégio, porque estes meninos e meninas tinham sido confiados ao carisma sacerdotal para os conduzir a Deus e eles sacrificaram-nos ao ídolo da sua concupiscência. Profanaram a própria imagem de Deus, pois foi à imagem d’Ele que fomos criados. A infância – todos nós o sabemos – é um tesouro. O coração jovem, tão aberto e cheio de confiança, contempla os mistérios do amor de Deus e mostra-se disponível de uma forma única para ser alimentado na fé.*

O fato do abuso infantil por parte do clero causa angústia não somente ao Papa Francisco, o abuso sexual nunca foi aceito pela sociedade e, possivelmente, nunca será, visto o modelo social do qual compartilhamos. Na SD3, o Papa se mostra humano e com compaixão, expõe preocupação com os menores violados sexualmente, diz da inocência e da importância da criança para com a Igreja, a própria bíblia traz: “Deixai vir a mim as crianças, não as impeçais” (Mt 19:14). Matheus traz em seus escritos o conceito de que as crianças alcançaram o reino dos céus, sendo elas de coração puro, e ainda escreve “não as impeçais”, logo quem estiver tomando essa inocência, essa pureza de uma criança estará cometendo um pecado.

Porém, em seu trecho, essa ideia da preocupação com a criança fica em segundo plano ao dizer sobre a preocupação com a violação vocacional, sendo que é a própria Igreja que reprime o desejo sexual, proibindo, por motivos vagos, os padres de se casarem ou

manterem relações (amorosas/sexuais) com quem quer que seja, propiciando, o fato de possibilitar a manifestação dessa repressão de forma controversa com o que prega, não se torna regra, afinal, nem todo clero é pedófilo, mesmo sabendo que todo clero deva viver em castidade, tão pouco um casamento ou uma vida sexual ativa possa superar a questão da perversão em ser um abusador de menores. Muito embora a repressão seja, muitas vezes, um terreno fértil para que esses abusos acabem acontecendo.

Ao que se refere sobre ser um sacerdote o precursor do abuso, certamente ele irá passar por intervenções psicológicas, entrando em questão a perversão do sujeito, o julgamento sempre será de doente, louco, aquele que foge da regra do que é ser um sacerdote “normal”, “respeitável”. Fugindo dessa regra de que um padre ocupa uma posição de santidade, o Papa precisa pedir perdão pelos erros que ele não cometeu, porém esses erros são cometidos como um todo, pois o clero faz parte de uma só Igreja, então a culpa de um padre mancha a imagem de todos, inclusive porque se deva reconhecer o desejo carnal e a imperfeição do ser humano, refletindo no “nada” que os fiéis são perante Deus, afinal “o pecado, além de espalhar-se pelo corpo do penitente, também envolve o mundo no qual ele se vive” (Chauí, 1987, p 103).

Considerações finais

Antes quem julgava e perdoava os pecados, hoje se encontra no mesmo campo de pecador, em que o sacrilégio quebra as normas impostas de como agir e de como ser, impostas pela Igreja Católica Romana para os seus sacerdotes.

O discurso é a consequência dos fatos ocorridos no dizer, é uma teia que liga ideologia e condições sociais, os quais fazem que as vozes coexistam, refletindo no discurso, significando na homilia. O discurso religioso impõe sentidos e práticas aos sujeitos, impondo como verdade em seus dizeres e que deve ser seguida. Tal discurso não se limita em instituições, ele está marcado e presente em vários dizeres, independente de suas condições de produção.

O discurso religioso traz o conceito de paraíso, mostrando o lado bom das pessoas, porém ao mesmo tempo ele mostra o lado ruim, o inferno. Do mesmo lado que ela perdoa nossos pecados, ela acusa-os, assim como ela deixa os fiéis livres (livre arbítrio) e também impõe regras (mandamentos da lei de Deus).

A homilia e assumir a culpa pelo outro, traz sentidos de que ao se rebaixar do campo da superioridade, do saber tudo, faz com que os sujeitos se tornem influenciados, ou seja, o discurso religioso apresenta, também, como efeito, a submissão do sujeito religioso a um poder superior: “o ser divino”. Os ouvintes reconhecem um enunciador determinado e entendem que a ele devem se submeter, mantendo-se seu discurso autoritário e, assim como Pêcheux (1997) afirma, um discurso logicamente estável.

Referências

- ALTHUSSER, L. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução da CNBB – Editora Canção Nova, São Paulo – SP. [20-]
- CHAUÍ, M. *Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 18. ed. Edições Loyola: São Paulo, 2009.
- FANCISCO, P. *Santa Missa na capela da Casa Santa Marta com algumas vítimas de abusos sexuais por parte do clero*. 2014. Disponível: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2014/documents/papa-francesco_20140707_omelia-vittime-abusi.html> Acesso dia 13 de junho de 2016.
- OGLOBO. *ONU exige que Vaticano denuncie os pedófilos à polícia*. 2014. Disponível: <<http://oglobo.globo.com/mundo/onu-exige-que-vaticano-denuncie-os-pedofilos-policia-11506908>> Acesso dia 18 de agosto de 2016.
- NIETZSCHE, F. W. *Humano, demasiado humano*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- ORLANDI, E. *A Linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso*. 4. edição. 2. Reimpressão. Campinas: Pontes, 1987.
- _____. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Fontes, 3ª edição, 2001.
- _____. *Introdução às Ciências da Linguagem.- Discurso e Textualidade / Suzy Lagazzi-Rodrigues e Eni P. Orlandi (orgs)*. 2ª Ed.: Campinas: Pontes, 2010.
- PÊCHEUX, M. *Análise Automática do Discurso (AAD-69)*. In: GADET & HAK (org). Por uma análise automática do discurso. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.
- _____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3. ed. trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- PETEAN, A. C. L. “O sujeito e a (ilusão) da reversibilidade no discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus”. In: *Labirinto: Revista Eletrônica do Centro de Estudos do Imaginário*. Universidade Federal de Rondônia: Ano V n°. 8. Julho - Dezembro 2005.

Chegou em: 28/08/2016

Aceito em: 14/10/2016